

O BRINCAR, A TECNOLOGIA E O ENSINO

📄 **Gláucia Dias da Costa [Editora-chefe]**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5920-5970>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Contato: glaucia.costa@gmail.com

📄 **Fernanda Müller**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8349-6915>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Contato: f.muller@ufsc.br

📄 **George Luiz França**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2974-7215>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Contato: francalgeorge@gmail.com

📄 **Lara Duarte Souto-Maior**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8950-734X>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Contato: lara.duarte@ufsc.br

📄 **Leomar Tiradentes**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7258-7926>

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil.

Contato: leotiradentes@yahoo.com.br

📄 **Lisley Canola Treis Teixeira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2904-423X>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Contato: canolatt@gmail.com

O papel da brincadeira na Educação Infantil é bastante referendado entre pesquisadores consagrados como Jerome Bruner, Jean Piaget, Lev Vigotski e Henri Wallon. Foi em um diálogo profundo com esses autores que Adriana Friedmann

(2004) escreveu “Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil”, uma das principais referências de estudo para aqueles que se interessam e pesquisam sobre o tema. Nessa obra, Friedmann defende que a brincadeira tem uma função estruturante no desenvolvimento infantil e, por extensão, ela é crucial para o processo educativo. Brincar contribui para a ampliação do repertório cognitivo, na medida em que estimula a curiosidade e o pensamento simbólico - funções fundamentais para o ensino. As brincadeiras também exigem negociações e trocas por parte dos brincantes, favorecendo o desenvolvimento de habilidades socioculturais. São, ainda, um espaço para aprendizagens afetivas, pois juntamente com os jogos, são meios para lidar com as emoções. Por fim, o brincar também contribui para o desenvolvimento motor das crianças, sobretudo porque grande parte das brincadeiras que ocorrem no espaço escolar envolvem o corpo, exigindo dos brincantes consciência corporal e controle dos movimentos.

Apesar de a brincadeira ser alvo de inúmeras pesquisas no campo da Educação Infantil, quando pensamos no Ensino Fundamental, a compreensão do papel estruturante do brincar na formação escolar diminui consideravelmente. De certo modo, a escola é refratária a essas práticas, que acabam tendo pouco espaço no currículo e na dinâmica de ensino aprendizagem, ficando muitas vezes limitadas ao momento do recreio ou às aulas de Educação Física e Educação Artística. No entanto, para este número da **Sobre Tudo** recebemos textos que propõem reflexões sobre a importância das diferentes dimensões do brincar no Ensino Fundamental. Nossa fotografia da capa registra justamente um momento em que a brincadeira aparece integrada ao ensino da relação entre espaço físico e espaço social (Bourdieu, 1997) e sua apropriação pela criança. Nessa proposta pedagógica, desenvolvida na articulação curricular entre as professoras das áreas de Ciências Humanas e Educação Física, as crianças do segundo ano dos Anos Iniciais experimentam o pensamento espacial e o raciocínio geográfico. Por meio da brincadeira a criança recria, reinventa e reorganiza lugares, naquilo que Certeau (2009) chamou de “práticas de espaço”. Assim, ao criar e reproduzir os lugares estruturados e institucionais da gramática espacial, a criança aprende sobre o lugar em que vive.

Na mesma direção, alguns professores de povos indígenas, ao problematizarem o conceito de geografia, elaboram a ideia de “geografia indígena”, estabelecendo uma abordagem sensível para pensar como as relações e os sentidos constroem os lugares. Conforme os versos desses professores: “Geografia é onde o rio está/ Onde o município está/ É para onde vem o Sol/ É para onde vai o Sol/ Este rio para onde vai?/ Geografia é a divisão das águas/ É igarapé, igapó, lago, açude, mar/ É a medição da terra, a demarcação”. (BRASIL, 1998, p. 225). A Geografia Indígena se relaciona com o espaço de um modo particular, pois suas referências e visão de mundo são outras. Crianças também têm um modo particular de se situarem no mundo e a brincadeira é um fio condutor de suas práticas cotidianas. Dessa forma, podemos pensar também em uma “geografia da criança”, que pode ser aprendida também no brincar, pois ao viver os lugares da casa, da rua, da escola, do bairro, da cidade e do mundo, a criança constrói representações, dando sentido às suas experiências.

Na presente edição, dois textos se dedicam à temática “brincadeira e ensino”. Em “Brincades insurgentes e estereótipos de gênero: reflexões de um estágio internacional em arte e educação”, Maria Rejsek Graells e Débora Gaspar descortinam outros

aspectos das brincadeiras na escola. A partir de uma série de intervenções realizadas em uma turma de segundo ano, as autoras problematizam como as brincadeiras que ocorrem na escola podem reproduzir ou questionar papéis de gêneros consolidados na sociedade. Já em “Brincadeiras tradicionais orais na Educação Infantil”, Juliana de Melo Lima e Karydja Mafra de Oliveira demonstram como as brincadeiras com palavras, como parlendas, cantigas de rodas, trava-línguas e outras manifestações da cultura tradicional oral se fazem presentes no cotidiano de um núcleo de Educação Infantil de Natal, RN.

Em ambientes tão normatizados como as escolas de educação básica, os dispositivos tecnológicos por vezes são utilizados como uma estratégia para ensinar a partir da ludicidade. A rigor não são brincadeiras, mas muitas vezes são encarados pelos estudantes como um “jeito divertido de aprender”. Nesta edição, os textos sobre o uso de tecnologias no ensino também se destacam e, de certo modo, dialogam com a temática anterior. É o caso do artigo “Material didático interativo (MDDI) para o ensino de inglês no Ensino Fundamental 1: multiletramentos em foco”, de autoria de Tatiana Canziani, Etienne Mello e Glenda Moser. Nele os autores apresentam os desafios e as vantagens de produzir materiais didáticos para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental – período em que não há obrigatoriedade do ensino do Inglês e, portanto, o acesso aos materiais didáticos para esse segmento é restrito – a partir do uso de dispositivos digitais, como ferramentas de IA, Canva e Book Creators.

O uso de tecnologias digitais da comunicação e informação e suas interfaces com o ensino, esse número apresenta o artigo “Podcast na Educação Básica: potencialidades para o ensino de língua portuguesa”, de Ester Figueiredo Esteves e Carolina Ribeiro Cardoso. A partir de um extenso levantamento bibliográfico, as autoras demonstram como o podcast tem sido apropriado por professoras e professores de Língua Portuguesa no Brasil. As autoras também analisam suas potencialidades para o ensino da disciplina, tais como a promoção do letramento, estímulo à criatividade e à interpretação e ampliação do vocabulário e raciocínio crítico.

“Alfabetização e autoria: experiências com um jornal escolar em ambiente digital”, de Priscilla Gomes Guilles Mattos, relata a construção do jornal digital em turmas do 4º ano de uma escola do município de São Gonçalo/RJ. A autora também analisa o conteúdo dos textos publicados no periódico. Segundo ela, seu uso no ensino contribuiu para letramentos múltiplos, para o estímulo da autoria infantil e para o exercício da cidadania.

As reflexões acerca do estágio curricular obrigatório e relatos de experiência sempre estão presentes nas edições da **Sobre Tudo**. Nessa edição, o artigo “Caminhos do estágio: escuta sensível e práticas interdisciplinares nos Anos Iniciais”, de Aline Carlessi Pacheco, Simone Vieira de Souza e Caroline Guião Neubert, demonstra como estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia construíram sua proposta de estágio levando em conta os interesses vocalizados por estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental. O texto “A caixa de segredos”: uma narrativa sobre a história e a cultura africanas no Brasil”, de Lara Duarte Souto-Maior e Nicole Possenti Hahn, articula questões relacionadas ao estágio curricular não-obrigatório e relatos de experiência docente. Nele, as autoras demonstram como a leitura de um livro de literatura juvenil – “A caixa de segredos” – contribuiu para mobilizar conhecimentos curriculares da disciplina de Ciências Humanas e da Natureza, em especial aqueles voltados ao estudo da história e da cultura africanas no Brasil.

Por fim, essa edição da **Sobre Tudo** contou com dois artigos que de formas diferentes discutem os desafios da inclusão escolar. Em “Conhecer para reconhecer-se: mudanças e permanências nos discursos e práticas de crianças de uma escola básica municipal, através de uma educação antirracista”, de Helenor de Sousa Paz, Manuella Sant Ana Juttel de Souza e Juliana Matias Faust, promove uma reflexão sobre o estágio obrigatório ao mesmo tempo que mostra caminhos possíveis para a construção de uma educação antirracista na escola. No caso, as aulas de Matemática desenvolvidas no 4º ano de uma escola municipal de Florianópolis deram origem a um projeto de ensino que visava o combate ao racismo e a valorização da cultura negra presente na comunidade.

Desejamos uma boa leitura a todos e a todas!

Leiam! Compartilhem! Desengavetem suas ideias!

Referências

BOURDIEU, Pierre et. al. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Trad. Epharaim Ferreira Alvez. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar, crescer e aprender**: o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 2004.

PROFESSORES ÍNDÍGENAS DO PARQUE INDÍGENA DO XINGU (PIX). **Geografia indígena**: Parque Indígena do Xingu. Brasília: ISA/MEC/PNUD, 1996.